

Reportagem Especial

SEXO POR DINHEIRO EM BAIROS NOBRES

Prostituição muda rotina de prédios

ADRIANO HORTA/AT

Visando acabar com a atividade de garotas de programa dentro de apartamentos, síndicos instalam câmeras e até leitor de digitais

Eliane Proscholdt
Francine Spinassé

Incomodados com a prostituição acontecendo dentro de apartamentos de bairros nobres, síndicos e moradores estão se unindo para tentar inibir a prática, mudando até esquema de segurança dos condomínios na Grande Vitória. Eles têm investido na instalação de câmeras, controle e identificação com documentos de pessoas na portaria e até leitor de impressão digital.

Os constantes casos têm gerado conflitos resultando em brigas e até ameaças. E as queixas são muitas: circulação muito grande de pessoas estranhas durante 24 horas, barulhos e gemidos, e homens embriagados, que confundem apartamentos e acabam batendo na porta de outros condôminos.

O advogado atuante na área condominial Roberto Merçon afirmou que casos têm sido recorrentes, principalmente em Jardim Camburi e Jardim da Penha, em Vitória. Na Praia da Costa, Itaparica e Itapoã, em Vila Velha, o mesmo acontece.

“Geralmente eles seguem um perfil: o imóvel é alugado para uma menina e ele é dividido com mais uma ou duas jovens, que se dizem universitárias. Quando elas começam a receber homens no apartamento de forma recorrente, a prática começa a gerar desconfiança nos vizinhos.”

Segundo Merçon, a prostituição é proibida pelos regimentos e convenções dos condomínios, já que os prédios são estritamente residenciais e não devem ser usados para fins comerciais.

“Há casos, em que há uma desconfiança também do envolvimento o tráfico de drogas associado à prostituição. Em alguns prédios os síndicos passaram a pedir documentação e registrar todos que entram e saíram do prédio. Isso inibe a prática, já que muitos homens não querem se expor.”

O advogado e assessor jurídico do Sindicato Patronal de Condomínios e Empresas de Administração de Condomínios no Estado, Hugo Felipe Longo de Souza, destacou a recorrência de reclamações de moradores, incluindo a de barulhos durante o sexo. “Temos problemas com construções muito próximas e até materiais usados nas edificações, que permitem que os sons sejam ouvidos por outras pessoas, causando incômodo.”

Ele acrescentou que com a instalação de câmeras de videomonitoramento e controle na portaria, as jovens acabam deixando o prédio.



“O prédio onde moro já está sendo chamado de edifício da prostituição”

Autônomo, 39 anos

MORADOR DE JARDIM DA PENHA AUTÔNOMO

“Quero vender o meu apartamento”

Se vai à varanda do apartamento, encontra cinza de cigarro e embalagens de camisinhas jogadas no chão. Se opta em ficar dentro do imóvel, ouve gemidos de garotas de programa que moram no andar superior.

É dessa forma que um autônomo de 39 anos descreve o drama que tem vivido ao morar em um prédio em Jardim da Penha, Vitória, que conta com vários apartamentos alugados para um único objetivo: prostituição.

Sem alternativas, ele pensa em vender o apartamento e escolher um novo endereço.

“O prédio onde moro já está sendo chamado de edifício da prostituição.”

A TRIBUNA – Como descobriu que apartamentos estão sendo usados para prostituição no prédio onde mora?

AUTÔNOMO – Eu moro no prédio há um tempão, mas tudo mudou depois que uma mulher comprou vários apartamentos para alugar para garotas de programa e elas começaram a perturbar os moradores.

> Perturbar, de que forma?

Em cima do meu apartamento moram várias garotas de programa e o movimento de clientes é contínuo. Elas são mal-educadas e não têm noção do que é morar em comunidade. Sempre encontro embalagens de caminha e pontas de cigar-

ros e cinzas na minha varanda. Elas também fazem muito escândalo, dão gargalhadas, falam alto, inclusive dizem em alto e bom som o valor do programa, que varia de R\$ 70 a R\$ 100. Também ouço gemidos.

> Qual o horário que o problema é maior?

Todos, principalmente durante o dia.

> O prédio tem porteiro?

Não, mas por conta desse problema foram instaladas câmeras de videomonitoramento, com intuito de inibir a prática. É um entra e sai que preocupa os moradores, pois não sabemos quem está tendo acesso ao edifício. Já teve até família que mudou de lá

e eu penso em fazer o mesmo. Teve até casos de moradoras que receberam cantadas ao passar pelos clientes dessas garotas de programa no prédio.

> O seu imóvel é alugado?

Não, mas quero vendê-lo, apesar de temer a desvalorização, pois o prédio onde moro já está sendo chamado de edifício da prostituição. Quando estiver procurando outro imóvel vou investigar se não há prostituição, nem que para isso tenha que bater de porta em porta.

> O síndico não tomou providências?

Já fizeram reunião para definir o que seria feito, mas de nada adiantou até agora.

CASOS

Briga e ameaça

Após descobrirem que três universitárias faziam programas em Jardim Camburi, Vitória, moradores decidiram instalar câmeras de videomonitoramento achando que poderiam intimidar a prática.

Houve discussão e ameaças veladas e a polícia foi chamada.

As universitárias e os moradores foram ouvidos, mas ao final foi feito um acordo e as universitárias deixaram o imóvel e mudaram para outro prédio, no mesmo bairro.

Polícia no prédio

Há algumas semanas, em um prédio de Jardim da Penha, os moradores tiveram de chamar a polícia para conter um homem que tentava entrar no local para um programa.

Como o prédio não tem porteiro, o homem interfonou pedindo para entrar em um apartamento que seria usado por prostitutas.

Segundo moradores, ele estava aparentemente embriagado, elas não o deixaram entrar. Isso fez com que o homem ficasse transtornado. Ele começou a gritar e só saiu com a polícia.



Biometria

Em condomínios na Grande Vitória, fluxo intenso de homens em alguns apartamentos tem gerado a desconfiança de moradores de que algumas unidades estariam sendo usadas por garotas de programas.

Em um dos casos, em Vila Velha, para melhorar a segurança e controle de entrada e saída de pessoas, os moradores decidiram instalar também o identificador de impressão digital, a biometria.

Eles esperam que com a prática, a atividade seja inibida no local.